

“Fordismo acadêmico”: características e tendências produtivas na área de História (1985-2009).

Renata Regina Gouvêa Barbatho*

Os historiadores no Brasil representam uma comunidade de cientistas consolidada e nos últimos dez anos apresentou uma larga expansão, tanto geográfica, quanto produtiva. Essas mudanças foram capazes de introduzir e expandir canais de comunicação até então excluídos na área e foram frutos de políticas públicas de incentivo à pesquisa presentes em diversas áreas do conhecimento, e responsável pela expansão das universidades e da ciência no Brasil.

Em função deste cenário intelectual, os estudos de Comunicação Científica são fundamentais, como base para a compreensão dos processos de comunicação entre cientistas. Como afirmou Meadows¹, a comunicação científica é inerente à produção de conhecimento e pode ser concretizada de diferentes formas e intensidade, de acordo com a natureza de cada área, daí a importância da identificação dos distintos padrões de geração e de comunicação existentes.

No contexto social atual, a valorização do conhecimento científico e o seu uso como recurso estratégico de Estado para desenvolvimento econômico e social fizeram da ciência um novo segmento social, com relações internas e externas de hierarquia e poder, já que envolve questões de disputas e de investimentos constantes.² Em função do próprio desenvolvimento histórico das ciências, foi possível observar as relações hierárquicas não só entre os cientistas das diversas áreas, como entre as próprias ciências, em que padrões de comportamento são impostos como ideais e não idéias. A Física detém, hoje, o *statu quo* de padrão ideal de comportamento,³ no entanto, cada área tem em si um sentido e se comporta atendendo a este sentido, portanto, tentar padronizá-las significa correr o risco de mudar suas essências.

Assim, é fundamental estudar os canais de comunicação de cientistas da área de História, a fim de contribuir para o melhor entendimento das características da mesma, e proporcionar meios para o seu desenvolvimento, percebendo suas tendências e demandas, pois assim os órgãos de fomento poderão desenvolver formas de avaliação e políticas de promoção de pesquisas adequadas às áreas de Ciências Humanas, especialmente a História.

Em 2005, Mueller publicou os resultados de sua pesquisa sobre a produção de conhecimento no Brasil, buscando identificar os

canais preferenciais das diversas áreas do saber. A autora justificou sua pesquisa afirmando ser necessário estabelecer padrões de produção e produtividade de pesquisadores, para que os mesmos sejam utilizados na formulação de critérios de avaliações às deferentes ciências, pois, segundo a mesma, é possível criar um critério adequado quando se reconhece sua forma de comportamento⁴.

Em relação à avaliação da produtividade, para Mueller, existem os defensores de um padrão único para todas as áreas, reconhecendo como o “padrão ideal” de produção o estabelecido na Física, em que o pesquisador deve ter como meta publicar em periódicos internacionais e em inglês, ou em idiomas de ampla aceitação. Por outro lado, existem aqueles que “advogam adequações às especificidades de cada área”, principalmente os integrantes das Ciências Sociais e das Humanidades, pois argumentam que formas diferentes de produção do conhecimento demandam formas diferentes de comunicação, logo, também de avaliação.

Os resultados apresentam distinções entre as ciências normais ou experimentais, apesar das diferenças entre si, geralmente são conduzidas por equipes, apoiadas em paradigmas aceitos universalmente e produzem artigos não muito longos, publicando prioritariamente em periódicos de circulação internacional e em língua inglesa.⁵

Já nas áreas de tecnologias e de Ciências Aplicadas, percebe-se o freqüente uso de relatórios e congressos, chegando ao “mesmo prestígio que artigos científicos ou capítulos de livros em outras áreas”; e, por fim, a área de Humanidades, com um comportamento bem peculiar, pois “parecem produzir textos mais longos e não necessariamente publicados como artigos, mas também são importantes os capítulos de livros e livros, freqüentemente assinados por apenas um pesquisador”.⁶

Além disso, suas bases teóricas e metodológicas não seguem um padrão único, podendo haver a coexistência de correntes de pensamento divergentes e do uso de métodos quantitativos e qualitativos “em suas várias versões e uso de diversas combinações”.⁷

No levantamento numérico levantado por Mueller (2005), as disparidades entre as publicações, com números elevados na publicação de periódicos nacionais, livros e capítulos de livros apresentados pelas Ciências Humanas. Nesta área, a publicação de livros (479) é quase quatro vezes maior que a segunda que mais publicou este tipo de comunicação (282), no caso a Linguística, Letras e Artes, campo mais próximo das Humanidades.

No entanto as formas, mesmo sendo observado que as áreas apresentam necessidades diferentes hoje a tendência é a padronização de publicações e a exigência de intensificação.

Em entrevista concedida a Rodrigo Elias, da *Revista de História* da Biblioteca Nacional, o ex-professor da UERJ e da UFRJ e ex-presidente da Anpuh, Manoel Salgado Guimarães foi questionado se no crescimento dos congressos da Associação Nacional de História haveria uma tensão entre a quantidade e a qualidade. Então o mesmo respondeu: “Não tenho a menor dúvida. As pessoas estão submetidas a uma regra que demanda alta produtividade. O aluno está acabando a graduação e já está louco para apresentar um trabalho no congresso anual da Anpuh, porque isso vai contar no currículo”.⁸

A pressão da qual Guimarães se referiu é alusiva à constante avaliação quantitativa a que os programas de pós-graduação e os pesquisadores estão submetidos e, conseqüentemente, os discentes também. Isso porque os programas que recebem uma nota trienal da CAPES, na hora de avaliar, entre outros fatores, calcula a produtividade dos professores e dos alunos.

Esses alunos, por sua vez, para ingressarem nos programas passam pelo processo de seleção que tem entre as etapas a análise de currículo e entrevista que, dentre os critérios, a maior nota é atribuída aos que apresentam maior capacidade produtiva. Conclusão, a constante avaliação, pela qual os programas passam, edifica sua qualidade, porém, cria entre os docentes e discentes a pressão por produtividade, ou o que Guimarães⁹ chamou de “processo de fordismo acadêmico”. Para o autor, a pressão pela produtividade já é possível de ser observada na graduação, quando ‘os alunos já começam a ser enquadrados para esse tipo de “produto final”’, no caso, a publicação.

Segundo Costa, a pressão pela produtividade tem levado a existência de publicações de baixa qualidade e sem importância social, transformando a obra historiográfica numa mercadoria:

*A pressão para publicar resulta, às vezes, em trabalhos medíocres, superficiais, ou mal escritos, sobre assuntos curiosos, mas de pouca relevância. A obra de História tornou-se mercadoria e como tal está sujeita ao mercado, o que implica certas limitações [...]. Às vezes, o único propósito que guia o pesquisador é escrever uma tese, qualquer tese. A preocupação social ou política está ausente do seu trabalho.*¹⁰

A partir desta perspectiva, deve-se pensar as intensas produções, por outro lado, torna-se importante perceber o quanto estas influenciam nas instituições. Um programa de pós-graduação

com professores de alta capacidade produtiva significa, ao mesmo tempo uma melhor avaliação na CAPES e uma concentração maior de pesquisadores bolsistas 1 do CNPq. Isso leva a um ciclo, pois em função de sua intensa produtividade, as instituições ganham melhores notas na Capes, ganhando melhores notas na Capes, recebem mais financiamento, com mais financiamentos se tornam mais produtivos e assim consecutivamente.

Mas o quanto estes pesquisadores produzem para serem considerados uma “elite”? Para responder a esta pergunta foi quantificada e analisada, entre os anos de 1985 a 2009, a sua produção científica dos pesquisadores bolsistas do CNPq, no qual foram 2057 artigos em periódicos científicos, 537 livros, 432 organizações de livros, 2255 capítulos de livros e 867 trabalhos completos publicados em anais de congressos (ver gráfico 01), referentes a 70 bolsistas, com publicações em português e em idioma estrangeiro, sendo predominantemente o inglês, francês e espanhol.

O primeiro a ser observado é que ao longo dos anos a quantidade de livros publicados, no geral cresceu, porém não com mesma intensidade que os livros organizados, que se mostravam, até 1999 menos intensos, mas que a partir de 2000 ultrapassaram o número de livros.

Outra comparação necessária é entre os artigos de periódicos e os capítulos de livros, na qual os artigos mostram-se expressivos desde os primeiros anos analisados e crescem continuamente até 2004, tendo uma queda nos últimos cinco anos, já os capítulos, que nos anos 1985 – 1989 não tinham grande representatividade (44 – 1,9% do total de 2255), apresentam um aumento contínuo, superando os artigos de periódicos a partir dos anos 2000, tanto na distribuição por ano, quanto no total acumulado.

A expansão número de artigos publicados em periódicos científicos é acentuada, sendo, com os primeiros anos do século XXI somando 54,2% de todos os artigos. Isso ocorre em função de seu contexto, como um reflexo da pressão dos órgãos de fomento pela produtividade e, segundo, pela própria existência de mais canais de comunicação onde publicar, pois hoje, só através do site da Anpuh é possível acessar 67 periódicos de História, sendo 31 destes exclusivamente eletrônicos.

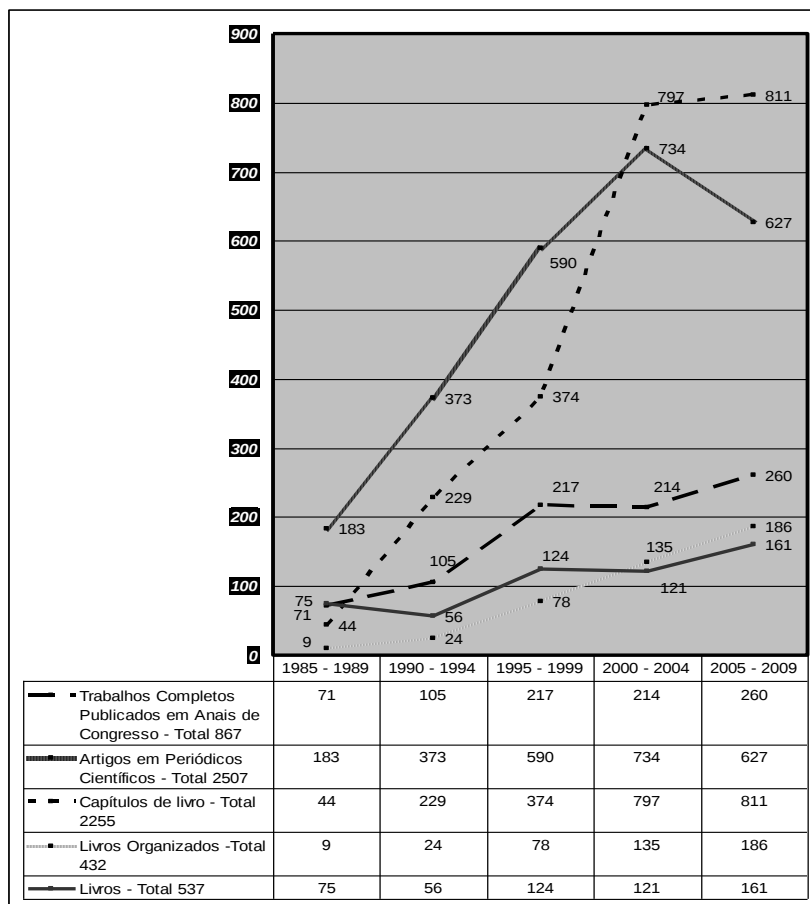


Gráfico 01: Produção científica produzidas pelos bolsistas de produtividade 1 do CNPq. Fonte: A autora, a partir de informações da Plataforma *Lattes*. Disponível em: <<http://www.lattes.cnpq.br>>. Acesso em: 18 de dez. de 2010. Estes números são referentes à produção contabilizada no Currículo *Lattes* dos professores, podendo ter sido contados mais de uma vez, se forem casos de autorias coletivas e ambos serem pesquisadores 1.

Até 1981, nem a própria Associação editava uma revista, que antes só contava com a publicação dos anais de seu congresso, e atualmente já dispõe de dois periódicos, a *Revista Brasileira de História* e a *Revista Eletrônica História Hoje*. Além disso, com o crescimento do número de programas também aumentou o número de revistas, pois cada programa busca criar a sua. Isso quando não duas, uma do corpo docente e outra do corpo discente.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, além de uma revista dos docentes e outra dos alunos, tem também a revista *Latinidades*, produzida por um de seus laboratórios, o Laboratório de Estudos Políticos das Américas/PPGH/NUCLEAS, no qual “reúne textos de professores e pesquisadores da UERJ e de outras instituições do país e estrangeiras”.¹¹

O periódico dos docentes, a *Revista Maracanan*, também é aberta a publicação de professores de outras instituições, já que um dos seus objetivos é exatamente “o intercâmbio com outros Programas de Pós-Graduação e áreas de produção científica afins, nacionais e internacionais”, além de divulgar a sua produção acadêmica, e por fim, a revista *Diá-logos* que “é uma produção dos alunos do PPGH/UERJ”, mas que assim como as revistas dos docentes, busca a interação com outras instituições, e por isso, “publica artigos de alunos de pós-graduação de diversas instituições do país”.¹² Além disso, os artigos publicados são apresentados na Semana de História Política, organizada também pelos discentes:

*Em sua maioria, os textos resultam das leituras realizadas para suas teses e dissertações, exprimem a qualidade das pesquisas e dos projetos e apontam a brilhantismo dos novos mestre e doutores da UERJ. Enfatizam ainda, o caráter multicultural dos estudos desenvolvidos.*¹³

O crescimento também ocorre com a frequência de publicações em outro idioma, em que os artigos de periódicos acumulam 71 em espanhol, 57 em francês e 197 em inglês (total 331) e os capítulos de livros somam 81 em espanhol, 101 em francês e 164 em inglês (total de 346). Pode ser constatada a importância do francês nos capítulos de livros, também do francês e do inglês em relação aos capítulos de livros e principalmente de artigos.

A presença de publicações em francês se deve principalmente em função da França ter uma forte tradição na área e de sua atuação no Brasil, onde compuseram parte do corpo docente nas universidades brasileiras, assim como ocorreu também com ingleses, porém em menor intensidade.

A historiadora Maria Yedda Leite Linhares, em entrevista comentando sobre seu início de graduação na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro em 1939, expõe o assunto quando afirmou: “tive aí grandes mestres franceses em História e em Geografia, Victor Tapié, Antoine Bon, um inglês jovem e competente, especialista nas civilizações antigas do Oriente Próximo”¹⁴.

Esta presença estrangeira citada por Linhares é influência da CAPES, que sob liderança de Anísio Teixeira, contratou professores

visitantes estrangeiros para impulsionar a ciência no Brasil.¹⁵ Fato visto na USP, que tinha “famosos” franceses em seu corpo docente, oriundos de convites na intenção de contribuir na fundação do seu Programa de Pós-Graduação em História¹⁶.

O número de artigos em inglês deve-se a maior oferta e abertura dos periódicos em inglês à produção brasileira, além disso, nota-se que apesar da tradição e da presença francesa, alguns aspectos mudaram ao longo do tempo, sendo hoje a historiografia inglesa e americana muito influentes também na historiografia brasileira. O que segundo Costa, significou um enorme avanço, pois “imprimiu um tom mais empírico aos trabalhos”¹⁷.

Outro fato de grande contribuição à inserção da língua inglesa na historiografia brasileira foi à atuação de americanos especializados na História do Brasil, os chamados brasilianistas, que nas décadas de 1960 e 1970 foram financiados pelo governo americano a se especializarem na História do país.

Na ocasião existia o interesse do mesmo em aprofundar o conhecimento sobre as nações latino-americanas após Revolução Cubana, possibilitando uma avaliação de sua política externa, num contexto de Guerra Fria. Isto levou o termo brasilianista a ter uma conotação pejorativa, chegando esse pesquisador a ser acusado, por parte da imprensa, de perigoso, já que acumulava informações sobre o Brasil e tinha acesso a arquivos fechados aos historiadores brasileiros.¹⁸

Por outro lado, como ressalta Moreira,¹⁹ os brasilianistas foram responsáveis por evidenciar problemas existentes na pesquisa histórica no Brasil, como o precário estado dos acervos de memória do país, principalmente os produzidos na república.

Hoje, os brasilianistas estão inseridos num novo contexto social. Segundo o historiador Maxwell,²⁰ que apesar de ser um estadunidense voltado à História do Brasil, rejeita o termo, o atual interesse dos americanos pelo Brasil se faz por suas características sociais e por sua recente democracia, além disso, a universidade americana passa pelo processo de internacionalização, demandando intercâmbios e assim favorecendo a pesquisa voltada ao nosso país.

Já a presença do espanhol deve-se a aproximação territorial, pois se trata de um dos idiomas da comunidade da América Latina. A aparente baixa produção em francês deve-se ao fato destes artigos serem publicações de um único país, a França, enquanto que em espanhol e em inglês, estão relacionadas a mais países cada um, principalmente o último, que se refere, entre outros lugares, aos EUA e à Inglaterra, duas nações que estão crescendo como referencia para a produção historiográfica brasileira e que são reconhecidos como incentivadores da ciência.

Além disso, existem mais periódicos em inglês, enquanto que, e apesar da tradição francesa, os periódicos deste país por serem tradicionais e de renome, são de difícil aceitação para publicação. Já os periódicos em espanhol, que poderiam ter uma presença forte por ser também de países vizinhos, se mostram mais restritos às comunidades brasileiras.

O fenômeno de ascensão dos capítulos de livro e da coletânea pode ser entendido como um recurso para superar o tempo de espera de uma publicação em periódico, muitas vezes longo. Esta situação pode ser exemplificada com a *Revista Brasileira de História*, que por ser avaliada *Qualis 1* tem um número grande de artigos submetidos, causando uma longa espera entre os autores. Este fato pode ser considerado uma possível justificativa para Anpuh criar uma revista eletrônica, *Revista Hoje*, proporcionar mais dinâmica e permitir a publicação de um número maior de artigos.

Por outro lado, existem também dificuldades para a publicação de um livro, relacionada às questões econômicas, a aceitação de mercado, editoração e, no caso das coletâneas, à responsabilidade intelectual do organizador e os possíveis conflitos ideológicos entre os autores também podem representar um obstáculo.

Em 2009 foi criado um roteiro para a classificação de livros “visando a avaliação da produção intelectual dos programas de pós-graduação”, em áreas em que estes apresentam grande relevância. Este roteiro foi criado pelo reconhecimento dos livros serem de suprema relevância em algumas áreas, da mesma forma que os periódicos em outras. O roteiro e avaliação do livro é uma liderança do Brasil, que pela ausência de experiência anterior, reconhece o desafio, e busca alguns parâmetros na avaliação dos periódicos.²¹

O *Qualis* Livro reconhece como livro “um produto impresso ou eletrônico que possua ISBN ou ISSN (para obras seriadas) contendo no mínimo 50 páginas, publicado por editora pública ou privada, associação científica e/ou cultural, instituição de pesquisa ou órgão oficial” e adota os seguintes critérios avaliativos: apresentação de identificação da obra, como a ficha catalográfica e códigos de classificação, por área temática; aspectos formais, como identificação de autoria, financiamento, prêmios e instituição e natureza científica do texto e o seu tipo (obra integral, coletânea, tratado, dicionário, enciclopédia etc); e avaliação do conteúdo que segue três pontos, relevância, inovação e potencialidade do impacto.

Cada área elaborará seu próprio instrumento de avaliação, tendo que contemplar as partes indicadas pelo roteiro. Na História foi definido que os PPGH deverão enviar seus livros publicados no triênio avaliado para a biblioteca de referência, Biblioteca Florestan

Fernandes, na USP, pois somente assim terão suas produções consideradas.²²

O *Qualis* Livro apresenta-se como um incentivo a áreas que adotam o livro como canal de comunicação preferencial como, por exemplo, a História. Os historiadores aqui analisados têm seus livros e coletâneas publicadas provavelmente porque já atingiram um grau de conhecimento entre as possibilidades e dificuldades de publicação e por isso são capazes de superá-las, além disso, existem as próprias editoras universitárias, que também garantem e esses pesquisadores suas contínuas publicações.

Seria necessário fazer uma pesquisa entre os recém doutores para averiguar se entre estes as coletâneas também são tão intensas. Provavelmente não. Talvez entre este grupo proposto, o que se encontraria seria a maior difusão dos artigos em periódicos científicos, e provavelmente seriam revistas eletrônicas e de programas de pós-graduação.

O que se pode concluir é que a prática da publicação de coletâneas e de capítulo de livros, entre os historiadores demonstra-se em expansão. A História está se mostrando novamente diferente das outras ciências, pois diante da pressão por produção, a mesma não recorreu necessariamente ao periódico, apesar de estar fazendo uso intenso do mesmo, e sim uniu a tradição do livro com a publicação de artigos ao fortificar a produção de coletâneas.

O que há é uma mudança acompanhada de tradição, pois se por um lado a área esta se adaptando a pressão por produtividade, por outro, o historiador ratificou a tradição dos livros.

Notas de Referência

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ), orientada pela Professora Doutora Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. Contato: renatabarbatho@gmail.com.

¹ MEADOWS, A. J. *A Comunicação Científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. Título original: *Communication in science*. London: Butterworth, 1974.

² BOURDIEU, Pierre. "O Campo Científico". In: ORTYZ, Renato. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

³ MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. "A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais". *DataGramaZero – Revista da Ciência da Informação*. v. 6, n. 1, fev./2005. s/p

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*.

- ⁷ *Ibidem.*
- ⁸ GUIMARÃES, Manoel Salgado. "Entrevista". *Revista de História*. Rio de Janeiro. Ano 5, n. 49, p. 50-55. out./ 2009. p. 53.
- ⁹ *Ibidem.* p. 52
- ¹⁰ COSTA, Emília Viotte da. "Entrevista". In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (org.). **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 87-88.
- ¹¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História: *Publicações*. Disponível em: <<http://www.ppghistoria.com.br/publicacoes.php>>. Acesso em 8 de fev. de 2011.
- ¹² *Ibidem.*
- ¹³ *Ibidem.*
- ¹⁴ LINHARES, Maria Yedda. "Entrevista". In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (org.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 25.
- ¹⁵ BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Op. Cit.* "Missão e História". Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 08 de fev. de 2011.
- ¹⁶ CANABRAVA, Alice Piffer. A Associação Nacional de Professores Universitários de História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 1 n.1 p. 1-11. mar./1981. p. 4.
- ¹⁷ *Of. COSTA Op. Cit.* p. 87.
- ¹⁸ MOREIRA, Regina da Luz. Brazilianistas, Historiografia e Centros de Documentação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 3. n. 5, 1990. p. 69-70.
- ¹⁹ *Ibidem.*
- ²⁰ MAXWELL. "Entrevista". In: MARTINS, Marília. "Nova Geração vê o Brasil com outros olhos". Disponível em: <www.drclas.harvard.edu/brazil/news/novageracao>. Acesso em: 08 de fev. de 2011.
- ²¹ BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Quallis. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em: 08 de fev. de 2011.
- ²² BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Relatório de Avaliação 2007 – 2009. Trienal 2010 (História). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Roteiro_livros_Trienio2007_2009.pdf>. Acesso em: 08 de fev. de 2011.